Público

Golfe

#20 • SEGUNDA-FEIRA, 11 DE JUNHO 2018 • SUPLEMENTO COMERCIAL

Suplemento comercial do jornal Público. Não pode ser vendido separadamente.

Mais conteúdo disponivel em **publico.pt/desporto/golfe**

OPEN DE PORTUGAL

Brilho nacional no Algarve

PAG 09

CASHBACK WORLD

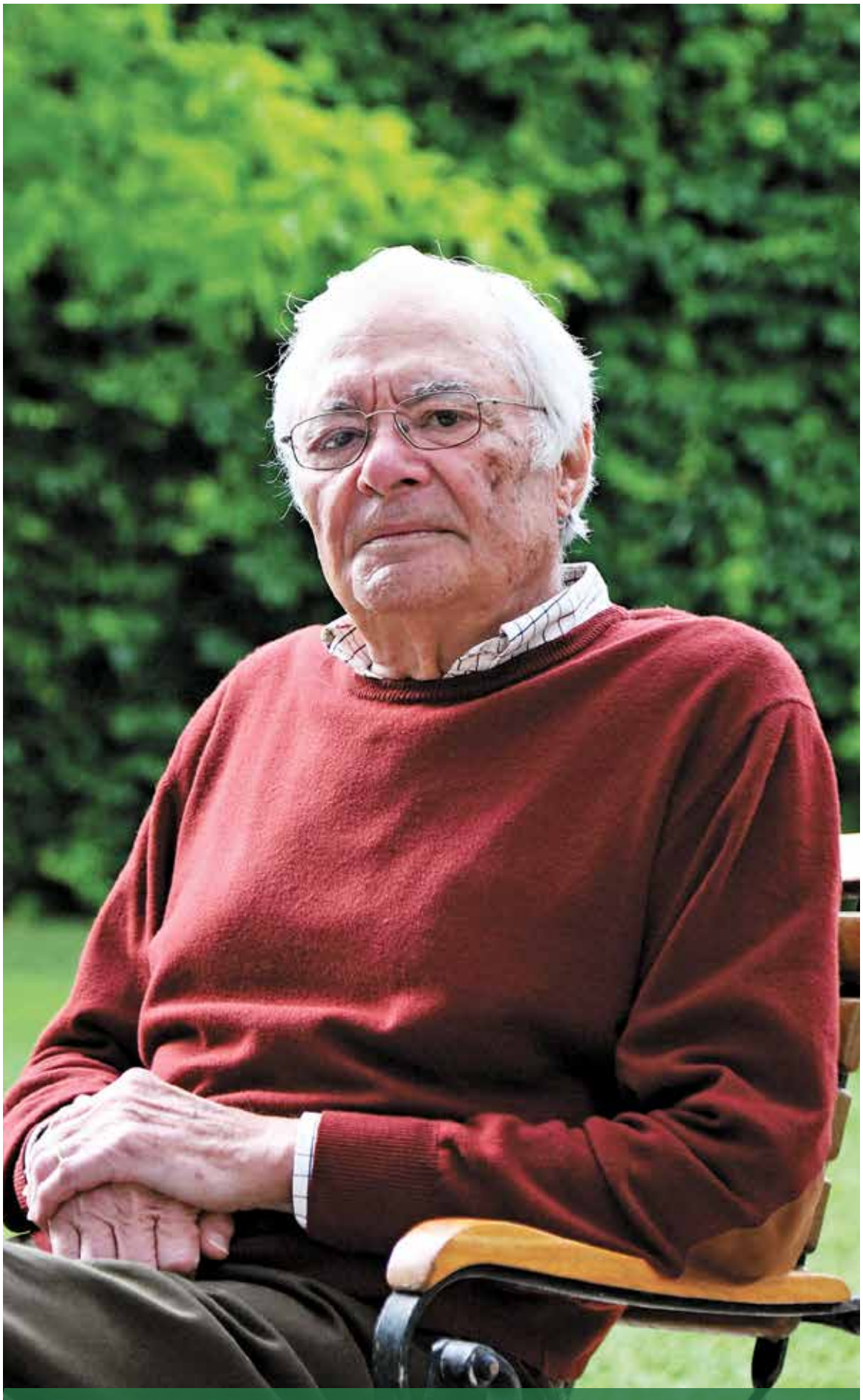
Uma aposta no golfe

PAG 07

TORNEIO ACIF/SGF

Pelos 600 anos da Madeira

PAG 06



José Roquette para além do golfe

Sabia que o empresário já foi presidente da Federação Portuguesa Golfe?

PAG 03-04

PUBLICIDADE

EDITORIAL RODRIGO CORDOEIRO

Cruzamento temático

Nesta edição, o Open de Portugal cruza-se em vários artigos. Logo a começar, António Carmona Santos, mesmo aqui ao lado, critica o facto de esta prova, em tempos uma das mais prestigiadas do calendário do principal circuito europeu de profissionais, o European Tour, ter feito parte este ano, pela primeira vez, do seu satélite do Challenge Tour. Antigo campeão nacional amador, antigo Director Técnico da Federação Portuguesa de Golfe (FPG) e da Quinta do Lago e durante ano um dos organizadores do torneio juntamente com João Lagos, ele preferia a inexistência do Open à sua despromoção ao escalão secundário.

Em destaque, uma entrevista a José Roquette. Presidente da FPG entre 1981 e 1984, coube-lhe a ele o mérito de trazer de volta ao European Tour o Open, depois de dois anos de ausência (1980-1981), na primeira vez que a prova não se jogou desde a primeira edição em 1953 no Estoril, o palco que mais vezes o recebeu. Ele conta aqui que contou com o apoio de Álvaro Barreto, na altura ministro do Turismo, e que juntos tiveram negociações duras com o European Tour, nomeadamente com o seu director-executivo Ken Schofield, para trazer de volta o evento, o que veio a acontecer na Penina, para o que contaram também com a ajuda de John Stilwell, fundador e proprietário deste resort.

Finalmente, o rescaldo do Open deste ano, não esquecendo que foram os seus promotores, a FPG, a PGA de Portugal e a NAU Hotels & Resorts, anfitrião através do Morgado Golf Resort, que devolveram vida a prova. Com efeito, o Open esteve parado entre 2011 e 2016 (a primeira vez que tal aconteceu desde 1980-81), e o ano passado estes intervenientes conseguiram recuperá-lo, embora este ano não tenham logrado mantê-la na primeira divisão. O que não invalida os esforços que serão feitos por estes para que em 2019 se reúnam os apoios necessários para o regresso à alta-roda europeia.

Uma coisa é certa: o campo do Morgado Golf Course, em Portimão, estava em condições de sonho, de primeiríssimo nível, e daí merecem nossos parabéns o director Jorge Papa e a sua equipa.

3

número de jogadores que terminaram o Open de Portugal entre os 10 primeiros classificados

FICHA TÉCNICA

Editor
Rodrigo Cordoeiro
Conteúdos
GolfTattoo
Produção
Público

Suplemento comercial do jornal Público. Não pode ser vendido separadamente.

CRÓNICA POR ANTÓNIO CARMONA SANTOS

O Openzinho!

Antigo organizador do Open de Portugal

O 56.º Open de Portugal de Golfe acabou de se realizar, no Algarve, no campo de golfe do Morgado do Reguengo. Foi a primeira vez em 65 anos que este evento, que sempre foi a prova principal da Federação Portuguesa de Golfe, não foi incluído no circuito principal da PGA European Tour. Pior do que isso, e surpreendentemente, surge na lista dos torneios do Challenge Tour europeu. É o único Open Nacional europeu a fazer parte desta lista.

O Challenge Tour é um circuito vocacionado para o lançamento de novos valores ou para manter em actividade profissionais que por qualquer motivo não têm acesso ao Tour principal. Mas não é, de certeza, um circuito próprio para acolher Opens Nacionais.

Estes, se houver vontade e possibilidades financeiras para os realizar, devem integrar o circuito principal da PGA European Tour. Quando não há meios nem habilidade para o conseguir, estes grandes eventos podem deixar de estar presentes mas não deviam, na minha opinião, baixar de escalão.

A partir de 2010, o Open de Portugal deixou de se realizar por falta de condições. Faço notar, que durante muitos anos, foi um dos mais prestigiosos do calendário europeu e era interessante saber ao certo o que se entende por falta de condições. As condições são sempre opções tomadas por alguém e era bom que fossem discutidas e decididas por todos os interessados, de preferência os mais competentes na matéria.

Passar de "Open TPC" para "Open Chalenge" com o nome de Portugal pelo meio, não é de certeza uma política correcta. Não há dificuldades financeiras que o justifiquem.

Criar um torneio para "arrasar" a Europa, como foi o caso do Portugal Masters, ou concorrer à Ryder Cup e depois ir diminuindo ano a ano o nosso comprometimento, não parece avisado nem sadio. Não devíamos "correr a foguetes" quando temos, aparentemente, os cofres cheios; nem passar a coitadinhos quando estamos a tinir.

Senhores responsáveis do Desporto e do Turismo, seus associados e aderentes. Pela minha parte e na qualidade de simples aficcionado de muitos anos, sugiro à FPG, entidade a quem pertence a marca, que promova os contactos que entender com os seus vários potenciais parceiros e tentem planear um programa a vários anos para o "Golf" Nacional, mas que não deixem que apareçam soluções que destroem muitos anos do esforço de tanta gente.

No limite suspenda-se uma prova por algum tempo ou mude-se o nome a outras. O que não pode acontecer é desvalorizar uma marca prestigiosa como a do Open de Portugal que evidentemente não cabe, por excesso, num circuito como o Challenge Tour.

CRÓNICA POR JOEL NETO

Haveremos sempre de ter o golfe

Escritor. Acaba de lançar o seu novo livro, *Meridiano 28*

Das grandes frases de golfe, as minhas preferidas são quase sempre as de P.G. Wodehouse, e entre estas a que fala de um homem que desfruta "daquela paz perfeita, daquela paz para além de todo o entendimento que só atinge o seu esplendor quando um homem desiste de jogar golfe".

Nunca o consegui. Desde que pela primeira vez pisei o verde, há agora mais de sete anos, informei-me a mim próprio umas trezentas vezes de que não tornaria a desperdiçar quatro horas de vida em busca da perfeição. Violei sempre a promessa: uma semana depois, se não no dia seguinte, lá estava de novo, perseguindo (e agora parafraseio Churchill, o melhor dos inimigos do jogo) o meu comprimido de quinino através da pastagem.

E, no entanto, de cada vez que percorro um fairway encontro novas provas da acuidade do aforismo de Wodehouse. Tenho sorte, creio: a deformação profissional tornou-me gatuno, vilão, e raramente há um suspiro, um olhar ou um silêncio de um companheiro que me passe despercebido. Ademais, tenho procurado a perfeição na companhia de todo o tipo de gente: homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres, jogadores de excelente nível, de nível mediano e até de nível nenhum.

Todos, até hoje, avalizaram Wodehouse, incluindo craques do golfe profissional europeu. Uma vez, nos Açores, joguei um pro-am na mesma formação de um senhor do Porto - creio que era do Porto - que, quando conseguiu finalmente chegar ao fairway do primeiro buraco, já levava nove pancadas. Também ele avalizou Wodehouse.

Diziam-no os seus olhos. Os olhos deles todos.

Há neste jogo uma condição que não encontrei em mais nenhum. Ele é tecnicamente superlativo, mas outros jogos são-no também. Ele é filosoficamente espesso, mas há outras modalidades que o são de igual modo. Ele é psicologicamente arrasador, a coisa mais stressante que alguma vez fiz na vida, mas talvez outros desportos sejam assim. Sobretudo, ele é um abismo reiterado, pancada atrás de pancada - e é isso que o torna redentor como mais nenhum que eu conheça.

Nunca encontrei um só golfista que não fosse, de algum modo, um homem devastado. Um homem ou uma mulher: há sempre uma falta qualquer em quem pratica este jogo. Há sempre uma solidão, um vácuo, um sentimento de perda, uma incapacidade. E só aquela vertigem, aquele persistente contacto com o fim, com a sua perspectiva, nos lembra verdadeiramente de que estamos vivos.

Às vezes setenta vezes numa tarde. Outras cento e vinte.

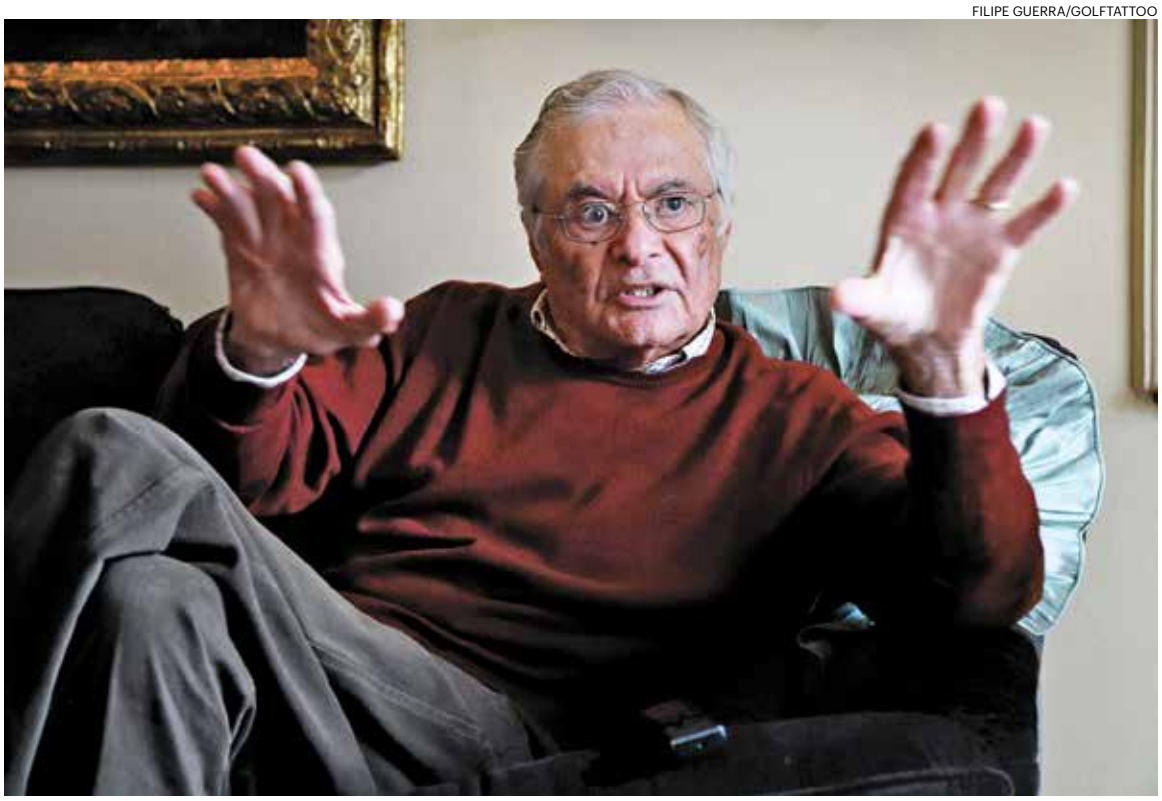
Há poesia neste jogo. As vertigens, dizia Kundera, não são o medo de cair: são o desejo de cair, do qual nos protegemos com pavor. O pavor é o coração do golfe. Sim, eu gostava de poder deixar de jogar golfe, um dia. Mas não creio que tenha sido talhado para a paz perfeita - e, quanto a isso que chamam viver em pleno, nunca soube muito bem do que se tratasse.

DESTAQUE | ENTREVISTA POR RODRIGO CORDOEIRO

“O golfe português precisa do seu Cristiano Ronaldo”

Numa entrevista que vai muito para além do golfe, o empresário José Roquette, antigo presidente da Federação Portuguesa da modalidade, defende que o que falta para o país crescer na modalidade é uma estrela de primeira grandeza

FILIPE GUERRA/GOLFTATTOO



José Roquette foi presidente da Federação Portuguesa de Golfe entre 1981 e 1984, eu sou jornalista de golfe há 27 anos, mas quis o destino que nunca nos tivéssemos encontrado até este dia. O mais perto que isso teve de acontecer foi em 1998 ou 1999. Tínhamos uma entrevista agendada para a revista Golf Digest Portugal, comigo iria o Alexandre Martins, hoje jornalista do Público, na altura prestes a substituir-me na publicação como redactor-principal. Nunca aconteceu a entrevista, porque o fotógrafo antecipou-se chegando inusitadamente com uma parafernália tal de equipamento (holofotes, projectores e outras coisas que tal) que a mesma foi imediatamente cancelada pelo empresário. Deve ter-se perguntado: “Mas isto é algum desfile de moda?” No dia seguinte, pediu desculpa ao editor da revista, porque, explicou-lhe, não sabia que seria eu a entrevistá-lo. E aqui estamos, vinte anos depois. Telefonei-lhe a 28 de Maio, acedeu receber-me no dia seguinte.

José Roquette — Não podia dizer que não, porque o Público é o meu jornal, leio todos os dias. Tenho também uma boa relação com o David Dinis [director], que é uma pessoa por quem tenho grande consideração como profissional do jornalismo, naquela linha do meu prezadíssimo amigo que já não faz parte do número dos vivos, que é o Belmiro de Azevedo, que deixou no Público uma herança de isenção e de independência. Espero que a vossa geração seja capaz de a manter viva. Eu não tenho qualquer dúvida de que dentro de cinco anos o panorama e o paradigma globais da comunicação social já não serão os mesmos, isto já está a mudar a uma velocidade de tal que se corre o risco de perder o pé, e que isto é autêntico. Não é só o problema da digitalização, de passar do conteúdo físico, que era uma coisa importantíssima, folhear o jornal e tal, sujar os dedos na tinta, era uma coisa que fazia parte do dia-a-dia da minha geração, então, também porque não havia alternativas. O que vejo em termos concretos e objectivos é, primeiro, a dificuldade de manter na comunicação social escrita, por letras, alguma sustentabilidade relativamente às alternativas e de incluir isso, o que é escrito, noutros meios de comunicação social que abundam aí por todo o lado.

Era para ser uma entrevista de golfe, tornou-se irresistível que fosse muito além disso.

JR — Na minha faixa etária, a gente começa a dormir pouco, não é só o Marcelo que não dorme, parece que há aqui uma competição para aproveitar o tempo, e eu acordo muitas vezes às 5h30 e uma das primeiras coisas que faço é ver o que está a acontecer. Leio o Público, leio jornais ingleses, leio os jornais espanhóis mais relevantes, mas nestes últimos casos leio em resumos. Hoje em dia, sabe que é possível, não é? Com a Economist ou com o Financial Times, basta-me ir ao meu e-mail de manhã e ver quais são os assuntos que são tratados para não ter de correr o jornal todo. Os jornais ingleses fazem isso bastante bem, os americanos também, o New York Times, o Los Angeles Times, o Washington Post... isto é, detectam o perfil do consumidor e de acordo com o mesmo fazem os resumos adaptados ao tipo de vida e ao tipo de decisões que as pessoas nessa perspectiva procuram como informação. O Esporão hoje em dia exporta 60 por cento daquilo que produz para 70 países, eu tenho de saber o que vai no mundo, tenho de ter uma ideia aproximada, tenho esta necessidade de estar actualizado e de poder ter uma opinião sobre o que está a acontecer...

> "Na minha faixa etária, a gente começa a dormir pouco, não é só o Marcelo que não dorme, parece que há aqui uma competição para aproveitar o tempo"

E o que está a acontecer deixa-o preocupado de sobremaneira.

JR — Preocupa-me sobretudo para quem, como eu, tem 21 netos. Os mais novos, um par de gémeos, fizeram dois anos há poucos dias, eles vão viver 150 anos. Não é uma opinião minha, eu lavo daqui as minhas mãos, mas é uma opinião de gente do ponto de vista científico perfeitamente clara. E a forma como isto se vai fazer, se é uma tentativa tecnológica pela evolução da medicina, do melhor conhecimento do genoma humano e do nosso ADN e por aí chegar a curas de envelhecimento, se vão lá chegar com as mesmas pernas e com os mesmos pulmões, ou coisa assim que o valha, também não sei dizer, mas é certo que a sua expectativa média de vida será de 150 anos. Embora eu já cá não esteja, tenho de me preocupar com tudo o que interage com isto: uma pressão demográfica inexorável, um estado social com problemas irresolúveis, daqui a 50 anos seremos 11 mil milhões não os 7,6 mil milhões actuais. Depois há o problema da inteligência artificial e da robótica, que vai mudar também o panorama desta história toda. Em que mundo vão os meus netos viver? Não se vão reformar aos 60 anos, impossível, se se reformarem aos 60 anos é para fazerem outra coisa qualquer, que eu não sei exactamente o quê.

Sem esquecer o problema das alterações climáticas, até porque esse é um tema que lhe é caro em virtude da sua actividade empresarial.

JR — Numa altura em que o planeta já ultrapassou o limite de se recuperar a ele próprio do dano que nós lhe estamos a fazer todos os dias, com 7,6 biliões de habitantes, agora imagine só o que será com 11 biliões. E sobretudo, onde é que isto se vai centrar, porque isto não se vai centrar aqui no nosso quintal, não é aqui na Europa ou no mundo dito ocidental, onde se está a reduzir a pressão demográfica, é basicamente na Ásia, países como a Índia, a China o Paquistão, a Indonésia, etc., que exercem uma pressão demográfica tremenda, com consumos de energia que são altamente ineficientes, porque ainda não têm acesso até do ponto de vista de investimento, com o crescimento da população, a tecnologias suficientemente eficientes para permitirem também por isso ganhos específicos, ganhos concretos de eficiência.

Menciona o conceituado sociólogo alemão Ulrich Beck.

JR — Ele morreu em 2015, e noutro dia apanhei uma publicação póstuma com os seus últimos estudos,

compilada por amigos deles, todos eles também sociólogos "topo de gama", se é que se pode dizer assim. O que ele defende, de uma forma perfeitamente clara, é que não está a acontecer nem nenhuma revolução, nem nenhuma transformação. O que está a acontecer, em termos da humanidade, é uma metamorfose. E ele explica-o com casos concretos. O que ele diz é que as lagartas também fazem uma metamorfose para borboleta, mas a lagarta não tem nem ideia do que é o mundo da borboleta nem naquilo em que se vai tornar, e nós estamos um bocadinho nesse mesmo pé, nessa mesma perspectiva.

Pergunto-lhe seu leu o livro "Homo Deus, História Breve do Amanhã", uma sequela de "Homo Sapiens, História Breve da Humanidade", do historiador israelita Yuval Noah Harari. Claro que tinha lido.

JR — É uma aproximação também muito esclarecida àquilo que temos pela frente e respectivos problemas. E depois o que assusta um bocadinho é que não há soluções políticas para as questões que são levantadas, porque vivemos todos dependentes de um sistema político, a democracia, que é o pior de todos à excepção dos outros, como diria o Churchill. O tremendo calcanhar de Aquiles da democracia é a rotação dos partidos eleitorais, que é dramática, porque não se vive verdadeiramente numa perspectiva de sustentabilidade, vive-se numa perspectiva do ciclo eleitoral que comanda as decisões que são tomadas a nível dos partidos. E a pior coisa que pode acontecer, e que está já a acontecer a uma velocidade dramática, é que o povo em si, em algumas circunstâncias e em alguns países, perde a confiança no sistema político e avança para tipos de populismos que são eles próprios invivíveis, porque são a negação, quer dizer, eu não sei o que é que quero, não quero é aquilo. E esse problema do populismo é um problema muito, muito sério. É uma questão pendente relativamente à forma como a democracia, de uma forma geral, em muitas sociedades e até nas evoluídas, retira a responsabilidade política daqueles que até verdadeiramente são o objectivo do sistema, aqueles que verdadeiramente deviam também, por princípio, estar preocupados com o que está a acontecer. Se for ver, uma percentagem elevadíssima das pessoas considera que cumpriu em termos políticos indo votar, e ponto final, parágrafo.

Ponto final, parágrafo, também, nas questões existenciais planetárias, embora muito mais houvesse para citar. Afinal, que sentido faria, num suplemento de golfe, não se falar minimamente de golfe com um antigo presidente da respectiva Federação Portuguesa? O seu primeiro desporto foi o ténis, ou não fosse o seu pai uma lenda da modalidade em Portugal - 15 vezes campeão de Portugal entre os 22 anos e os 42. Depois dos 30 anos, então, chegou o golfe para José Roquette. Teve as primeiras aulas no Lisbon Sports Club, em Belas, Sintra. Após o 11 de Março de 1975, emigrou para o Rio de Janeiro, onde, aí sim, passou a jogar com bastante regularidade chegando ao máximo de handicap 7,0, o que denota um bom nível de jogo. Regressado cinco anos depois a Portugal, aceitou o desafio de liderar a FPG.

JR — Constituí uma equipa, alugámos uma sede, era ali por detrás da avenida Duque D'Ávila, em Lisboa, e começámos a trabalhar e a criar o que depois veio a tornar-se uma realidade progressivamente cada vez mais pesada, não só em termos do número de jogadores, que começou a subir, mas também no aparecimento de várias alternativas em relação aos sete ou oito campos de golfe que havia em Portugal. E isso funcionou, com uma equipa, com um objectivo, com uma estratégia e com algumas circunstâncias que também ajudaram, porque nas minhas relações pessoais estava incluído alguém que hoje continua a ser um grande amigo, o Álvaro Barreto, que era ministro do Turismo nessa altura. Com isso, conseguimos trazer de volta ao calendário do European Tour o Open de Portugal, que não se tinha realizado nem em 1980 nem 1981, e que se jogou ininterruptamente até 2010, sofrendo uma paragem desde então ao até seu regresso no ano passado.

> "Extraordinária a alteração que houve no golfe em Espanha a partir do momento em que o Ballesteros fez o que fez"

Como vê ele a evolução do golfe em Portugal, desde que deixou a presidência da FPG?

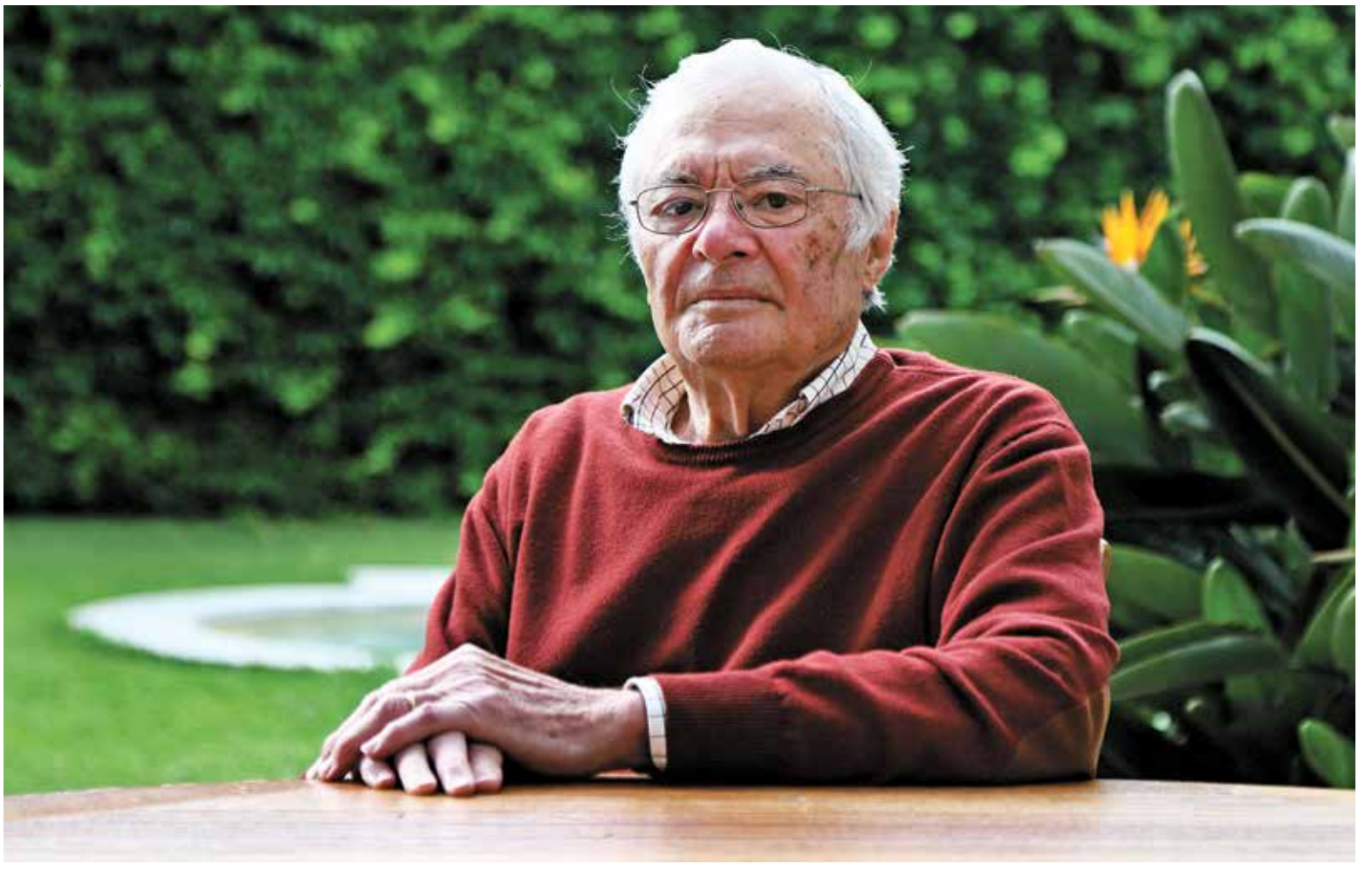
JR — Eu acho que se fez francamente progressos, progressos muito sólidos e sustentáveis. A Federação hoje tem, por definição, um conjunto de instalações, a começar pelo próprio [Centro Nacional de Formação de Golfe do] Jamor, que lhe dá uma expressão que não tinha. Eu lembro-me o que foi a luta para construir o Jamor, foi uma batalha campal. Isso deveu-se à persistência e à resiliência do Manel Agrellos [presidente da FPG entre 1999 e 2016] e hoje em dia o número de campos de golfe que existem em Portugal, a importância que tem no turismo e o número de praticantes que existem só ficam curtos numa perspectiva: ainda não conseguimos fazer aparecer nenhum Ballesteros português. A história do golfe em Espanha... Extraordinária a alteração que houve a partir do momento em que o Ballesteros fez o que fez. Se a gente reparar bem, foi verdadeiramente o ponto de partida para aquilo que hoje o golfe em Espanha representa. Imagine se o golfe português tivesse o seu Cristiano Ronaldo... Isto sem retirar mérito ao Ricardo Melo Gouveia e a outros que competem ou competiram nos circuitos profissionais, e que já fizeram muito dentro do que é o contexto do golfe nacional.

Actualmente só joga golfe no Verão e no Algarve, nos campos do Penina Hotel & Golf Resort, pois tem uma casa lá perto, no Alvor. Mas não deixa de seguir pela televisão, todos os domingos, em directo, os principais torneios mundiais. Para trás, ficou o seu projecto abortado do Alqueva, onde estavam previstos nada menos do que três campos de golfe. Na sua Herdade do Esporão, em Reguengos de Monsaraz, tem um driving range (campo de treinos) com 300 metros de comprimento, com um putting green e dois bunkers. Mas, devido à seca, a rega foi entretanto mandada parar em metade do driving range.

JR — Dói ver a relva morrer, mas não faria sentido continuar a gastar água ali, até do ponto de vista ecológico e de equilíbrio de toda a natureza e biodiversidade que está à volta.

A natureza que é, diga-se para finalizar, o principal factor do fascínio José Roquette pelo golfe.

FILIPE GUERRA/GOLFTATTOO



SIVA

/PTAudi

Personalize o design do futuro.

Com 400 opções de personalização*, chegou um automóvel desenhado para o que aí vem.
Porque Audi é mais.

Novo Audi A7 Sportback. Antecipa.

* equipamento opcional

Audi recomenda Castrol EDGE Professional

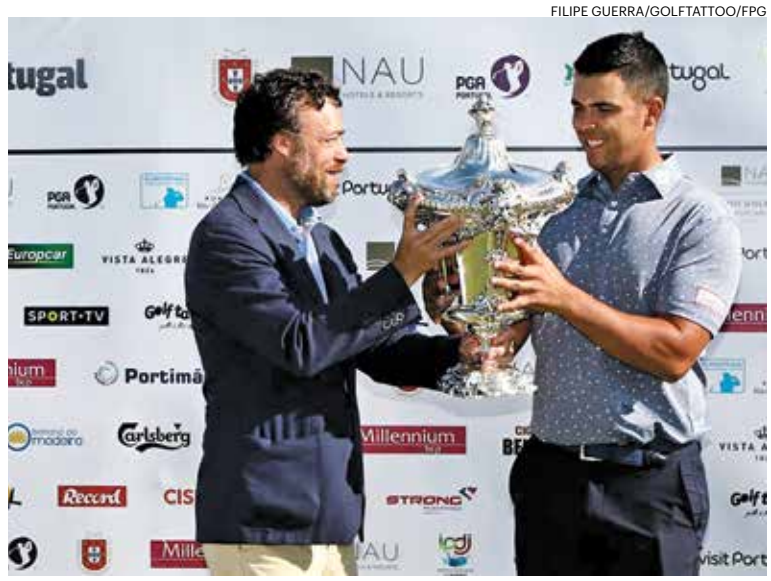
Consumo combinado (l/100km): 5,8–7,2.
Emissões combinadas de CO_2 (g/km): 147–163.

Audi Na vanguarda da técnica

[EM CIMA]
Miguel Franco de Sousa, presidente da FPG, entidade detentora da marca Open de Portugal, entrega o troféu ao vencedor

[EM BAIXO]
Filipe Lima foi o melhor português superando o seu terceiro lugar de 2005

FILIPE GUERRA/GOLFTATTOO/FPG



OPEN DE PORTUGAL

Três portugueses no top 10 e um amador de luxo

Filipe Lima, Tiago Cruz, Pedro Figueiredo e Vítor Lopes deixaram a sua marca no Morgado Golf Resort

Filipe Lima sagrou-se vice-campeão do 56.º Open de Portugal @ Morgado Golf Resort, o único torneio português do Challenge Tour, de 200 mil euros em prémios monetários, que se jogou em Portimão.

O campeão nacional superou o seu próprio recorde nacional de melhor classificação portuguesa na prova, o 3.º posto alcançado em 2005, no Oitavos Dunes, quando o Open integrava ainda o European Tour.

Filipe Lima totalizou 283 pancadas, 5 abaixo do Par, o mesmo resultado com que partiu para a última volta na liderança. Finalizou cumprindo o Par-72 do campo. Nos dias anteriores fizera voltas de 74, 68 e 69. O seu 2.º lugar foi partilhado com o francês Antoine Rozner. Cada um recebeu um prémio de 18 mil euros.

O português residente em França, que quer vir morar para Azeitão, e o francês, só foram ultrapassados pelo australiano de origem grega, Dimitrios Papadatos, que somou 281 pancadas, para arrecadar um prémio de 32 mil euros.

Para além de Lima, houve outros recordes pessoais de portugueses: o 4.º posto de Tiago Cruz, com 4 abaixo do Par, a sua melhor classificação de sempre no Open de Portugal, a valer-lhe 9.100 euros, bem como o apuramento para o próximo torneio do Challenge Tour, em Espanha.

O 8.º lugar de Pedro Figueiredo, com 3 abaixo do Par, passou a ser a sua melhor prestação de sempre no Challenge Tour.

Vítor Lopes foi o melhor amador da prova, em 14.º, recebendo um prémio por esse feito

E até mesmo João Carlota, que superou o seu recorde pessoal em torneios deste circuito com uma 22.ª posição.

A cerimónia de entrega de prémios contou com as presenças de Isilda Gomes (presidente da Câmara Municipal de Portimão), Lídia Praça (Instituto Português do Desporto e Juventude), Filipe Lima (administrador do Turismo de Portugal), Miguel Franco de Sousa (presidente da Federação Portuguesa de Golfe), José Correia (presidente da PGA de Portugal), Mário Azevedo Ferreira (CEO do Grupo Nau Hotels & Resorts), Gary Buttler (diretor de torneios do European Challenge Tour) e Carlos Glória (do Millennium BCP).

Mário Azevedo Ferreira, no papel de anfitrião, felicitou Filipe Lima e fez votos para que «um dia venhas mesmo a ganhar o torneio»; Miguel Franco de Sousa salientou a presença "de três portugueses no top-10", um recorde nacional no Open de Portugal; José Correia destacou "a importância do Open para se conseguirem 30 convites para portugueses poderem jogar ao longo do ano no Challenge Tour", e Isilda Gomes prometeu "um apoio maior ao evento no próximo ano", enquadrando-o no programa Portimão Cidade Europeia do Desporto em 2019.

TORNEIO 600 ANOS DA MADEIRA ACIF/SGF

E tudo um membro do Governo Regional levou...

Amílcar Gonçalves ganhou em singulares e em pares na prova jogada no CG do Santo da Serra

DR

A dupla vencedora composta por Amílcar Gonçalves e António Vargas a ser entrevistada

Amílcar Gonçalves foi a figura em destaque do Torneio dos 600 anos da Madeira ACIF/SGF, jogada no Clube de Golfe do Santo da Serra (CGSS). Ele, que é o secretário regional dos Equipamentos e Infraestruturas, acabou por ser o vencedor da competição com o melhor resultado net ao apresentar um cartão com 43 pontos em stableford, jogando com 23 de handicap.

Não sendo um estreante no golfe, mas não tendo tempo que lhe permita passar mais vezes pelos campos de golfe, foi a primeira vez que participou neste torneio que já é realizado pela ACIF (Associação do Comércio e Indústria do Fuchal) há 17 anos. Para além de ser o vencedor individual, Amilcar Gonçalves formou com António Vargas a dupla do CGSS 5, que foi a vencedora colectiva net do torneio.

Na classificação gross foi a equipa First4You 2/Flinstones (Michael Mendes e Vítor Rodrigues) a vencedora com um resultado de 56 pontos gross. Mas o melhor resultado gross individual acabou por ser conseguido por Carlos Gouveia (da equipa Prazer do Mar) com 30 pontos, jogando com 10 de handicap.

Estiveram em campo 98 jogadores, formando as 49 equipas que disputaram esta competição decorrida no final de Maio, jogando-se no percurso Machico/Desertas do conhecido campo madeiranse. Apesar do tempo frio e de algum vento, o campo apresentava excelente condições de jogabilidade.

Este torneio da ACIF/SGF integrava-se no circuito AEP Golf Business Cup, pelo que a representação das equipas presentes ultrapassava bastante o universo de local. Aliás 50 por cento das equipas presentes tinham origem em empresas sediadas no continente. Dado o sucesso registado houve que encerrar inscrições, por se ter atingido o limite físico possível de jogadores em campo em simultâneo. Devido a esta procura imensa de lugares para jogar o torneio, foi já criado outro torneio integrado nas comemorações dos 600 anos da Madeira será realizado no próximo mês de Setembro no campo de golfe da ilha do Porto Santo.

A secretaria regional da Juventude e Desportos deu também o seu apoio a este torneio, ao considerar que esta era uma das formas de celebrar os 600 anos da Madeira, uma vez que entende ser o golfe também uma das formas de fazer turismo nas ilhas da Madeira e do Porto Santo. Aliás dois dos três campos da região (Santo da Serra e Porto Santo) receberam de 1993 a 2015 o Madeira Islanda Open, prova que esteve integrada no calendário do European Tour.

A Câmara de Comércio e Indústria da Madeira existe há mais de 180 anos e tem este evento de golfe consolidado, este ano no âmbito das comemorações do Dia do Empresário Madeirense. E, coincidindo também com as comemorações dos 600 anos da Madeira, houve um encontro de vontades, tendo o Governo Regional da Região Autónoma da Madeira, através da Secretaria Regional de Turismo e Cultura da Madeira apoiado a realização do torneio.

ENTREVISTA POR RODRIGO CORDOEIRO

"Já somos reconhecidos pelos praticantes"

Miguel Costa, *Executive Managing Director* da Cashback World, explica associação à Federação Portuguesa de Golfe

O que levou a Cashback World [comunidade de compras internacional que agrega empresas aderentes e consumidores na mesma plataforma] a dar o nome ao circuito da Federação Portuguesa de Golfe?
A parceria com a FPG é outro marco no nosso compromisso com o mundo do desporto. Juntamente com a FPG, podemos oferecer aos membros um programa inovador de benefícios exclusivos que inclui um cartão de Cashback. Isso permitir-lhes-á recuperar dinheiro em cada compra, nas empresas aderentes online ou em PME.

Todos os golfistas beneficiam das soluções da Cashback World através do respetivo cartão de filiado da FPG?
A Cashback World oferece à FPG e aos seus federados, jogadores e todas as pessoas envolvidas no golfe, um programa inovador de fidelização, que inclui o Cartão de Cashback da FPG, uma Cashback App onde os membros poderão consultar lojas e empresas aderentes, e um portal de compras online da FPG.
Depois de o federado aceitar os Termos e Condições Gerais da Cashback, o membro passa a ter acesso a compras com benefícios em mais de 1.400 empresas aderentes em Portugal e mais de 80.000 em 47 países. Por cada compra feita online ou presencialmente numa empresa da comunidade Cashback World, os membros do Programa de Fidelização da FPG receberão até 5 por cento de Cashback e, adicionalmente, Shopping Points que poderão utilizar em promoções ou campanhas especiais promovidas pelas Empresas Aderentes.

Que retorno tem sentido a Cashback World pela associação com a FPG?
A parceria acabou de arrancar pelo que neste momento o retorno que sentimos é de impacto da marca. Pelo *naming* do circuito, pelas comunicações que já foram feitas nos diversos meios de comunicação, sentimos que a marca Cashback World começa já a ser uma marca reconhecida pelos jogadores e por quem está envolvido com a modalidade e a Federação.

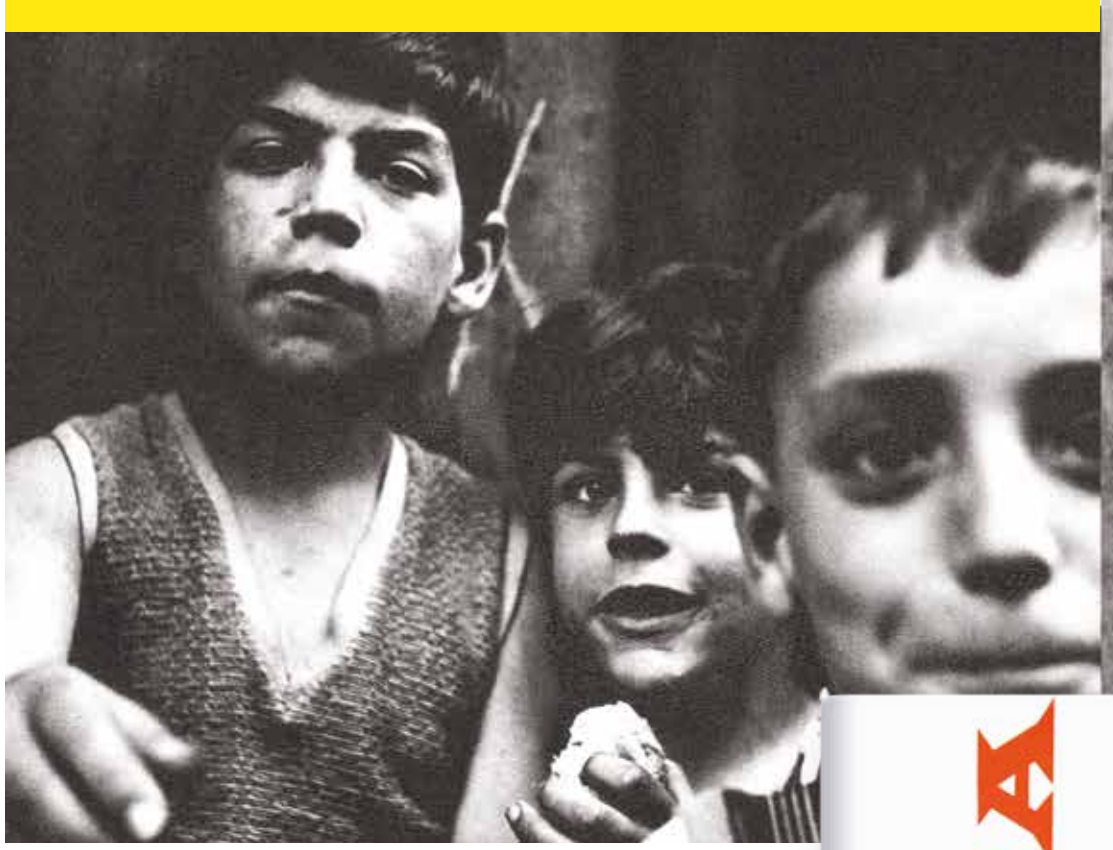
Além do golfe, a Cashback World está envolvida noutras modalidades desportivas?
Além da parceria com a FPG, a Cashback World está associada a várias outras modalidades em vários países, como seja o futebol (com parcerias de peso como por exemplo o Inter de Milão e a AS Roma), o hóquei no gelo, o esqui, o rali, o corfebol e o motociclismo (com a parceria com o MotoGP). A Cashback World tem ainda uma parceria com os mesmos moldes com a Federação Italiana de Golfe.

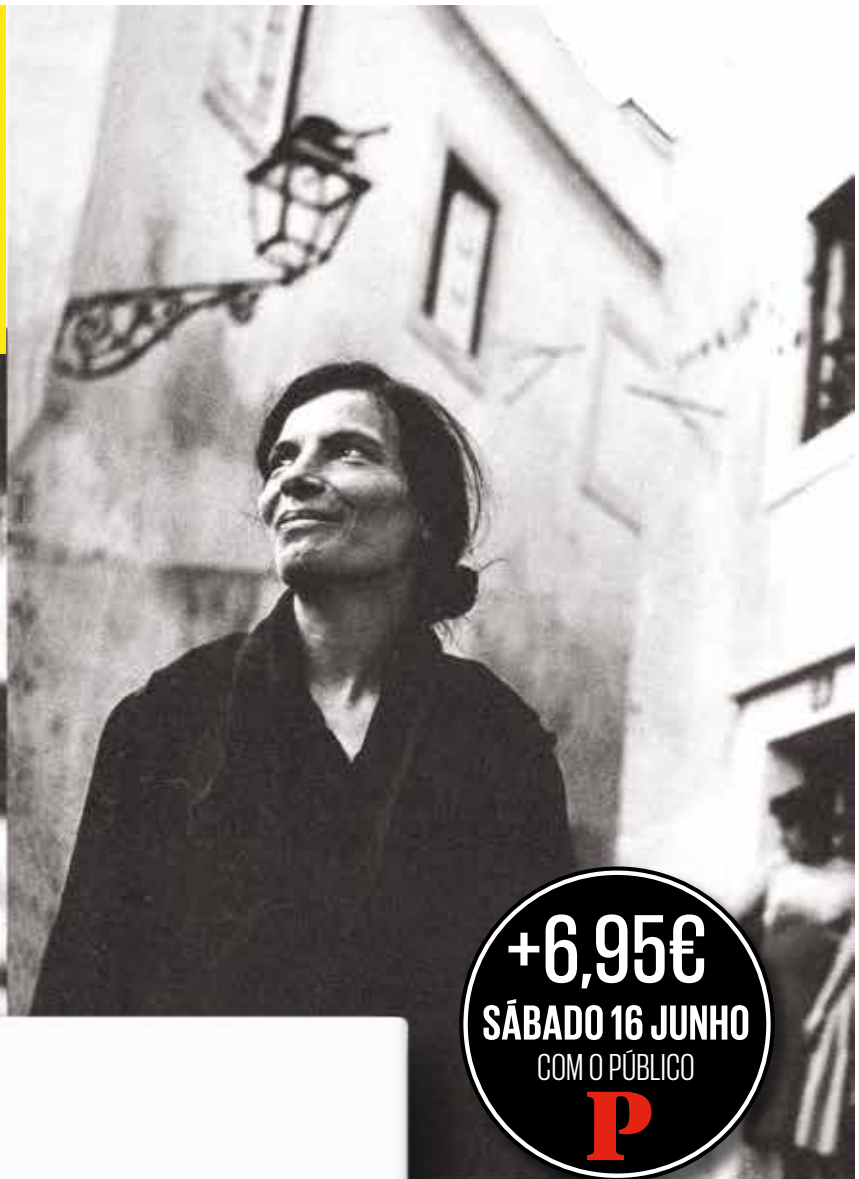
Qual é a presença da marca em Portugal em termos gerais e quais são os desafios que tem pela frente?
A Cashback World está presente em mais de 1.400 empresas aderentes em Portugal, de Norte a Sul do país, com mais de 160.000 membros. Neste momento, os nossos maiores desafios passam por três vertentes: crescimento sustentado e geograficamente equilibrado das empresas aderentes; diversificação de setores; e massificação da utilização do cartão.0

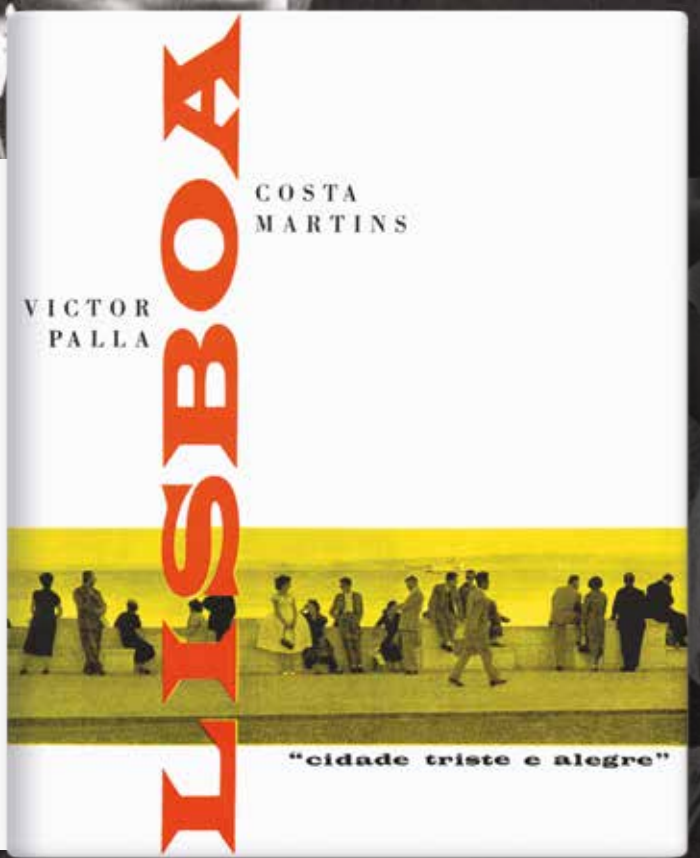
DR

Um livro de *culto*.

Retrato pioneiro de uma Lisboa quase desaparecida.







+6,95€
SÁBADO 16 JUNHO
COM O PÚBLICO
P

LISBOA, «CIDADE TRISTE E ALEGRE» de Victor Palla e Costa Martins

Originalmente publicado em 1958-59, este grande foto-livro é uma sinfonia sobre a Lisboa dos anos 50, mostrando as suas múltiplas facetas sob um olhar pioneiro. O "poema gráfico", como os autores gostavam de lhe chamar, revisita a cidade com mensagens fotográficas e poéticas, numa aproximação a um novo estilo internacional. As fotografias foram captadas de forma espontânea e instintiva e paginadas com um intuito vibrante e cinematografico. Levou três anos a preparar, tarefa que é um tríbuto de AMOR à cidade em que ambos nasceram e viveram.
Esta edição segue o original, também publicado em sete fascículos. Inclui textos e poemas de Rodrigues Migueis, Alexadre O'Neill, Armindo Rodrigues, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e José Gomes Ferreira, entre outros.

NOVA EDIÇÃO
FAC-SÍMILE*
Lançada como no original em

7 FASCÍCULOS
7 SEMANAS

OFERTA
CAPA + SOBRECAPA
com o 1º fascículo

*Reduzida 15% lineares nas dimensões da edição original por decisão contratual decidida pela maioria dos Herdeiros dos Autores.

APOIO: LE CONSULAT · LISBOA ·

PATROCÍNIOS: EGEAC LISBOA · MUSEU DE LISBOA · STONE · Leica

A BELA E O MONSTRO

Bloodymay & Braun

Colecção de 7 fascículos - oferta de capa e sobrecapa. Pvp unitário 6,95€. Preço total da colecção 48,65€. Periodicidade semanal ao sábado, entre 21 de Abril e 2 de Junho 2018. Limitado ao stock existente.